

## ANÁLISE DO DISCURSO DA FOLHA DE S. PAULO E DO ESTADÃO NO DIA MUNDIAL DE COMBATE À AIDS EM 1988 E 2022

VINICIUS TERRA<sup>1</sup>; MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – terra.araujo12@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O surgimento da AIDS, no início da década de 80, impactou fortemente a maneira na qual a população mundial enxergava grupos de minorias sociais. Na época, aqueles contaminados pelo quadro clínico eram pertencentes do grupo chamado pela mídia de “5H”, ou seja, de forma generalizada, eram considerados homossexuais, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína), hemofílicos ou “hookers”, nome dado em inglês a profissionais do sexo. Isto posto, é de extrema necessidade analisar o papel que a mídia e o jornalismo desempenharam ao cobrir essa pauta.

Na comunicação, estudos de sexualidade e gênero vêm ganhando a atenção dado a importância do discurso da mídia de se adequar às pautas progressistas do ocidente. Além disso, as desigualdades sociais, em especial a de gênero, “tencionam e se manifestam no jornalismo de modo muito mais complexo do que as mazelas que cotidianamente são apresentadas (e representadas) nas pautas noticiosas” (AGUIAR, SILVA, MARTINEZ, 2018, p. 5). Dessa maneira, por conta do prejuízo gerado para a comunidade LGBT+, torna-se essencial a análise do contexto histórico midiático por trás do surgimento da AIDS, como isso impactou no passado, bem como a forma como esse discurso está sendo adotado na atualidade - ou, no caso dessa pesquisa, como os meios abandonaram a pauta nos últimos anos, frente a uma crise que ainda aflige o país.

Visto isso, o presente trabalho busca analisar dois períodos distantes, que possuem uma data em comum: o Dia Mundial de Combate à Aids, celebrado no dia primeiro de dezembro, desde 1988. A data foi instaurada para lembrar o Estado e a população que a epidemia ainda não desapareceu, assim como para fomentar o debate e a conscientização sobre o tema e mitigar as discriminações que o grupo que possui HIV ainda enfrenta, seja nos ambientes sociais, ou até mesmo na contratação de empregos. Desta forma, para comparar os períodos serão analisadas as edições da Folha de São Paulo e do Estadão, publicadas nesta data em 1988 (por ser o primeiro ano em que a data foi fundada) e em 2022 (o último ano que a data foi comemorada, no momento de publicação deste resumo).

Para a análise, serão adotadas as perspectivas filosóficas acerca das doenças, presente na obra “Aids e suas metáforas”, um ensaio escrito pela autora e filósofa Susan Sontag (2007), dos estudos da AIDS na área da comunicação ao longo das décadas, desde o seu surgimento até meados dos anos 2010, desenvolvidos por Araujo (2016), bem como a análise de discurso de Orlandi (2015).

## **2. METODOLOGIA**

Como recurso teórico metodológico do trabalho, a pesquisa é guiada principalmente pela linha francesa dos estudos de Análise de Discurso - em específico, a obra de Orlandi (2015). De maneira resumida, a Análise de Discurso tem como seu principal objeto de estudo o discurso e os sentidos que ele assume, além da procura de “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2015, p. 13). Desta forma, a análise das edições dos jornais Estadão e Folha de S. Paulo será constituída a partir das Formações Discursivas (FD) de Medo e Preconceito. Ao utilizar a FD Medo, a notícia é categorizada por trazer um tom de alerta acerca da AIDS e/ou o pânico da sociedade em relação à pauta. Já a FD Preconceito, a notícia é categorizada pela discussão do preconceito contra os grupos, seja de forma social, ou política, por meio da exasperação das diferenças com a falta de recursos promovidos pelo Estado.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Folha de S. Paulo publicou em 1/12/88 uma matéria no caderno “Cidades”, com título: “Vigia se diz contaminado, sai nu e cria medo na véspera do Dia contra Aids” (Figura 1). De forma conjunta, a redação do veículo publicou um editorial com título “Caso revela preconceito e despreparo”, em uma tentativa de mitigar o preconceito da época - é notável, com isso, perceber o quanto o discurso, enquadrado na FD Preconceito, já havia amadurecido por volta do final da década. De acordo com Araujo (2016), “a matéria aponta para um consenso, o preconceito e o despreparo das autoridades públicas”, ou seja, a Folha retrata a FD Medo, por conta do receio que a população sentia na época. Na mesma data, a Folha de S. Paulo ainda publicou outras 8 notícias que abordam o estado da AIDS no país.

Figura 1 - Notícia da Folha de S. Paulo sobre a data comemorativa em 1988



Fonte: Acervo digital Folha de S. Paulo

No ano passado, em 1/12/22, o veículo publicou uma coluna menor com uma entrevista da diretora do Unaids no caderno de “Saúde”, com o título: “O HIV tem que ser normalizado, pode afetar qualquer pessoa” (Figura 2), isto é, se enquadrando na FD Preconceito. É possível perceber, dessa forma, a mudança do eixo temático das notícias analisadas, onde há 30 anos era discutido os medos da sociedade, e hoje há a tentativa de combater os preconceitos. Contudo, a

presença de uma única matéria sobre o tema, quando comparado às 10 matérias publicadas no primeiro ano que a data comemorativa aconteceu, demonstra que a cobertura diminuiu exponencialmente, mesmo que o Brasil ainda esteja lidando com a epidemia que tanto avançou nos últimos anos.

Figura 2 - Coluna no caderno saúde da Folha de S. Paulo em 2022



Fonte: Acervo digital Folha de S. Paulo

Já no acervo do veículo Estadão é possível observar que em 1/12/88, há uma página inteira (Figura 3) com 8 notícias falando sobre a AIDS (inclusive, há uma notícia sobre o mesmo caso do “vigia” que a Folha de S. Paulo também havia feito). O discurso do veículo é bastante maduro, ao cobrar, em alguns momentos, que o Estado intervenha e distribua de forma gratuita os recursos necessários para o tratamento dessas pessoas, como na notícia “Casos crescem, mas recursos não aumentam”.

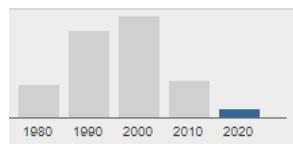
Nesta segunda notícia, é possível enquadrá-la na FD Preconceito, por conta da política excluente do Estado, ou seja, apesar do preconceito não surgir, nesse caso, a partir da população, ele está presente na falta de recursos distribuídos de forma gratuita e democratizada para a população mais vulnerável. Já no ano mais recente, em 2022, no Dia Mundial de Combate a AIDS, o veículo jornalístico não realizou nenhuma menção ao dia comemorativo e nem a palavra “aids” foi mencionada, de acordo com o acervo disponibilizado no site do veículo. Ainda, eles disponibilizam um gráfico onde é possível identificar uma certa atenção dada entre os anos 1980 e 2000 (Figura 4), mas a decadência que a pauta vem enfrentando nos últimos anos.

Figura 3 - Página do Estadão em 1988 que retrata notícias acerca da AIDS



Fonte: Acervo digital Estadão

Figura 4 - Dados do acervo on-line do Estadão ao pesquisar a palavra “AIDS”



Fonte: Acervo digital Estadão

A notícia que aborda o vigia que sai nu nas ruas de São Paulo, demonstra o pânico social que a sociedade vivia na época por conta da frágil cobertura e do sensacionalismo propagado nos meios mais populares. Ainda, a notícia é um clássico exemplo do que Sontag (2007) discorre ao dizer que “doenças infecciosas associadas à culpa sexual sempre dão origem ao medo do contágio fácil e a fantasias absurdas sobre a transmissão por meios não venéreos em lugares públicos”. Isto é, corresponde diretamente a FD Medo, onde por mais que o veículo não confirme para a população de forma a concordar com o medo, ele informa a situação que a sociedade se encontrava em 1988.

#### 4. CONCLUSÕES

Os principais pontos analisados nesta pesquisa foram entender como os veículos jornalísticos Folha de S. Paulo e o Estadão abordaram a pauta do Dia Mundial de Combate à AIDS em 1988, o primeiro ano em que a data foi comemorada, e como eles abordaram a pauta no ano passado, em 2022, a última vez que a data foi comemorada. Além disso, a pesquisa buscou analisar se o discurso desses jornais era condizente com a pauta que estava sendo tratada.

A pesquisa, dessa forma, consegue elucidar que no primeiro Dia Mundial de Combate à AIDS, com um discurso mais amadurecido, as edições de jornais analisados se basearam bastante no FD Medo, ao abordar o pânico generalizado, bem como pelo FD Preconceito, por opinarem contra os preconceitos e por mostrar a falta de políticas públicas de mitigação das mortes pela doença. Contudo, por mais que tenham desempenhado um papel necessário na época, é possível perceber que, atualmente, a pauta perdeu o destaque, que seria útil em meio a uma epidemia ainda em acontecimento e que afeta tanto a população mais vulnerável.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SONTAG, S. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 168p.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes. 2015. 98p.

ARAUJO, A.C.C. **A Aids E A Imprensa: As Vozes E Os Silêncios Nas Reportagens Do Dia Mundial Da Luta Contra A Aids De 1988 A 2013**. 2016. 313f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

AGUIAR, L.; SILVA, M.P. da; MARTINEZ, M. (org). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Life Editora, 2018. 434p.